



# miguilim

revista eletrônica do netlli

volume 8, número 2, maio-ago. 2019

## MATA TEU PAI: A FORÇA-MEDEIA ENQUANTO PROVOCADORA DE FISSURAS EM CORPOS DISSIDENTES



## MATA TEU PAI: THE FORCE-MEDEIA WHILE PROVOCATIVE FISSURES IN DISSIDENT BODIES

Morganna LÔBO  
Centro Universitário Jorge Amado, Brasil

Antonio Carlos SOBRINHO  
Centro Universitário Jorge Amado, Brasil

[RESUMO](#) | [INDEXAÇÃO](#) | [TEXTO](#) | [REFERÊNCIAS](#) | [CITAR ESTE ARTIGO](#) | [O AUTOR](#)  
RECEBIDO EM 08/07/2019 • APROVADO EM 19/11/2019

---

### Resumo

---

O presente trabalho pensa o teatro de Grace Passô(2017)na sua tentativa de produzir fissuras nas/nos potenciais leitoras/leitores e espectadoras/espectadores, a partir da análise do livro/roteiro teatral *Mata teu pai*. Essa pesquisa surge para responder a inquietação sobre como Medeia, personagem principal do livro, pode, enquanto força, atravessar as/os leitoras/leitores ou espectadoras/espectadores e produzir fissuras. O principal objetivo do artigo é responder essa pergunta, pensando na Força-Medeia enquanto uma potência do feminino; trazendo Spivak (2010) e Livia Natália(2018) para discutir se o subalterno pode ou não falar; e considerando o texto como lugar de aprendizagem, a partir de bell hooks(2013). A metodologia utilizada foi a revisão bibliográfica e esse estudo se localiza dentro das discussões

sobre interseccionalidade, pensando, inclusive, a própria vivência de Passô enquanto mulher e negra. Eu pude concluir, através da análise do texto, que essa Força-Medeia resiste ao tempo e que *Mata teu pai* é um grito outrora contido pela escritora e que sim, atravessa as/os leitoras/leitores, e produz fissuras/aberturas/rasuras/brechas, convida-as(os) a matar o patriarcado e a repensar o quanto ainda reproduzimos o discurso do opressor e nos propõe a ensinarmos o sangue a fugir dessa lógica que estamos inseridas/inseridos de apagamentos estruturais de corpos dissidentes, matando em nós o que queremos que morra nos outros.

---

## Abstract

---

The present work thinks the theater of Grace Passô(2017) in its attempt to produce fissures in the potential readers and spectators, from the analysis of the book/theatrical script *Mata teu pai*. This research comes up to answer the concerns about how Medeia, the main character of the book, can, as a force, cross readers or spectators and produce fissures. The main purpose of the article is to answer this question, thinking of the Force-Medeia as a power of the feminine; bringing Spivak (2010) and Livia Natália(2018) to discuss whether or not the subaltern can speak; and considering the text as place of learning, from bell hooks(2013). The methodology used was the bibliographical review and this study is located within the discussions about intersectionality, thinking, even, the very experience of Passô as a woman and a black. I have been able to conclude from the analysis of the text that this Force-Media resists time and that *Mata teu pai* is a cry once held by the writer and that yes, it crosses the readers and produces fissures/openings/breach of the discourse of the oppressor and proposes to teach the blood to flee from this logic that we are inserted of structural erasures of dissident bodies, killing in us the that we want to die in others.

---

## Entradas para indexação

---

**PALAVRAS-CHAVE:** Grace Passô. *Mata teu pai*. Medeia.

**KEYWORDS:** Grace Passô. *Mata teu pai*. Medeia.

---

## Texto integral

---

### 1 FORÇA-MEDEIA

Quando decidi estudar *Mata teu pai*, comecei a entender a força de Medeia. Mas, antes, a única versão do mito conhecida por mim era a versão de Eurípedes, que a marca como uma infanticida. Durante o meu envolvimento com a personagem, descobri diversas rasuras em sua história e várias vozes a contavam de forma diferente da desse poeta trágico. Houve, em Salvador, um evento chamado Mostras Negras de Artes Cênicas que, em sua programação, teria uma única apresentação do espetáculo *Medeia Negra*, de Márcia Limma, e eu decidi ir para me ajudar a entender melhor qual é a força que essa mulher tem para ser tão recontada e ser marcada como um símbolo do feminino.

Ao entrarmos no teatro, nos pediram para que as pessoas que se identificassem com o gênero feminino sentassem de um lado; e, com o gênero masculino, do outro e justificaram como uma proposta da peça. Em *Medeia Negra*,

há cenas em que Medeia interage com a plateia, quebra a quarta parede, e vem até nós, mulheres, e encosta em nossas pernas, faz carinho, toca na mão. Também somos filhas dessa Medeia e ela não quer mais nos matar, ao contrário, quer que matemos.

A Medeia Negra fala e repete algumas frases várias vezes sobre como nossos corpos de mulheres e negras são subalternizados dentro da lógica econômica, inclusive, ela canta sobre a naturalização da violência, do estupro e do feminicídio. Vivemos em uma sociedade cujo sistema foi feito para nos exterminar. No decorrer da peça, Medeia grita e gesticula. É como se fosse para não nos desligarmos e atentarmos a tudo que ela tem a dizer. A personagem também ri quando se lembra da história sobre ela que é contada por Eurípedes, sobre como ele retratou a sua vida, sem que ela pudesse ter o direito de falar por si. Naquela época, só ouviram a ele, hoje ela pode falar e contar a sua versão. Todas essas falas reverberaram em mim: uma mulher que sofreu violências de homens desde que era só uma criança; que não pôde ter mais oportunidades por ter crescido em um morro; que faz parte da segunda geração da família a não ser empregada doméstica; que quer gritar até ser ouvida; que teve sua história contada e recontada por outros. Hoje eu posso falar por mim.

Ela justifica o ato de infanticídio cometido pela Medeia de Eurípedes de uma forma simbólica, nos afirmando que, “se quisermos matar algo/alguém, é mais fácil matar o que nós temos dele nos nossos corpos”: para que possamos efetivamente acabar com o patriarcado, temos que matá-lo, primeiramente, em nós. Enquanto espectadora da peça, essa frase me deixou inquieta e reflexiva. É um gesto potente matar em nós antes de querer que morra no outro, perceber nossas próprias repetições de comportamento que queremos quebrar. Tantas vezes queremos que o outro perceba seus preconceitos em si e nós não percebemos os nossos.

Durante o fim do espetáculo, Limma, em seu devir-Medeia, diz algo como “se der, conversa; se não, **mata**”. Ela sugere a morte do patriarcado e que nós nos movimentemos para tal, por isso, antes da fala final, ela pede para que nos levantemos das cadeiras em que estamos sentadas (inicialmente não entendemos se é para ficarmos em pé realmente ou se é apenas mais uma fala da peça), como um símbolo para que não fiquemos sentadas esperando e aceitando e vivendo sob as amarras do patriarcado sem nos movimentar/agir. Precisamos começar os movimentos para findar essa lógica que nos põe em posição de subalternidade, não podemos ficar esperando passivamente que o sistema perceba suas incoerências e mude.

Essa “conversa” também é sugerida por Adichie (2014) ao dizer que devemos ser todos feministas, que homens também podem se desconstruir e ser nossos aliados para matar o patriarcado, pois o corpo masculino também é afetado negativamente pelo machismo, apesar de não ser nas mesmas proporções que os nossos. Precisamos lembrar que as mudanças devem sempre começar em um movimento vertical (de baixo para cima) e não querer que os homens, subitamente, como uma inspiração, tenham um peso de consciência e percebam o quanto a sociedade patriarcal sufoca e cala e estupra e mata as mulheres todos dias e se rebelam por isso.

O espetáculo nos incita reflexões sobre nossas existências enquanto mulher numa sociedade ampara em valores binários, os quais realizam práticas de violência, de morte e de silenciamento em nossos corpos. E, através do símbolo de

Medeia, essa mulher exilada, refugiada, silenciada, mas também incomodada com a situação que nós estamos inseridas há tanto tempo, nos estimula: agora é a hora de revidarmos e matarmos também.

O livro/roteiro teatral *Mata teu pai*, de Grace Passô, apresenta no seu enredo mulheres imigrantes (uma cubana, uma paulista, uma haitiana, uma judia e uma síria), questões sobre a xenofobia, o machismo, e mostra a urgência que os corpos lidos como subalternos têm de falar e ser ouvidos. Ele inicia com uma Medeia falando e repetindo frases, assim como a de Limma, enquanto está sendo cuidada de uma febre. Ela nos conta sobre um assalto seguido de estupro ocorridos com ela, em que todas nós estávamos lá, afinal, qual mulher nunca sofreu nenhum tipo de violência devido ao seu sexo? Nos fala também de um sonho que ela tem em noites diferentes, e, ao decorrer da história, descobrimos que haverá uma festa para Jasão, o pai.

Assim como Limma, que nos incita a matar em nós o que queremos que morra no outro, Passô (2017) usa elementos para construir uma Medeia que mata o patriarcado em si mesma, inclusive ao falar da esposa atual do ex-marido, pois a sociedade espera que uma mulher odeie e difame a que está com o homem que uma dia foi seu companheiro, que sejam rivais. “Ela [a paulista] quer que eu diga a vocês que vocês têm uma madrasta e que madrastas são más, não, da minha boca vocês não vão ouvir isso. Tá na hora de rever o ângulo da história e perceber que o erro é dele” (PASSÔ, 2017, p.35).

Ao compreender que o erro é de Jasão, que aqui será mobilizado como significante para o patriarcado, e não querer culpar a atual esposa dele, a Medeia de Passô tensiona pontos que são frequentes em nossa sociedade: a mulher que é traída, muitas vezes, agride fisicamente a amante, que, às vezes, nem sabe que o homem é comprometido, e continua com o namorado/marido. É como se a mulher sempre tivesse que assumir a responsabilidade pelo homem, afinal, somos ensinadas desde criança que temos que amadurecer mais rápido, ao mesmo tempo em que aos homens, muitas vezes, é permitido ter atitudes e comportamentos infantis, porque a sociedade acredita que eles demoram mais para amadurecer. E, assim, legitimam comportamentos sem nenhuma justificativa biológica.

A Medeia de Passô não quer mais matar os filhos, como fez a de Eurípedes: quer matar o pai. Ambas fogem da terra em que nasceram após matar o irmão por amor a Jasão, que as abandonou depois: refugiadas. Em *Mata teu pai*, Medeia se enxerga como esse corpo refugiado e nos diz “já pisei várias vezes em fronteiras” (PASSÔ, 2017, p. 27); além de pensar no seu próprio estado febril: “na minha terra, tratariam essa febre com uma simpatia que não existe aqui” (PASSÔ, 2017, p.27). Na segunda citação, Medeia se recorda de como seria melhor cuidada e fortalecida se não tivesse ido embora da sua terra, para longe da sua mãe: a simpatia que só existe lá, seria melhor para cuidar dessa febre que a faz falar por horas e delirar.

Passô nos faz refletir questões que, tantas vezes, nos passam tão despercebidas, “eis minha vizinhança: aqui os que são de lá” (PASSÔ, 2017, p. 23). Para que possamos efetivamente matar esse pai, precisamos compreender que nem todas as mulheres se encontram na mesma posição social, algumas estarão em encruzilhadas identitárias (AKOTIRENE, 2018) e, durante suas existências, encontrarão mais dificuldades para viver e tentar falar e se fazerem ouvidas do que outras, como é a situação, por exemplo, das mulheres imigrantes como Medeia, que

estão longe das terras em que nasceram e que poderiam ser fortalecidas, muitas vezes só tentando sobreviver.

Carla Akotirene (2018) trata a interseccionalidade como encruzilhadas identitárias, ou seja, existem corpos subalternos que são atravessados por mais de uma identidade subalterna, como é o exemplo da mulher imigrante, especificamente as que precisam fugir da sua terra para sobreviver: sofre violências tanto por ser mulher, como por ser imigrante, se encontra em uma encruzilhada de identidades que a lógica cisheteropatriarcal capitalista e racista lê como inferior, menor, um desvio que deve ser exterminado.

Medeia compreende que a atual mulher de Jasão também é um corpo atravessado por encruzilhadas identitárias: “[...]sei que já limpou minha casa, sei, já foi empregada, mas vim aqui reescrever a história. [...] Se não me lembro do rosto dela, é porque no meu sangue corre a doença do opressor. Ainda. Demora tempo para ensinar o sangue, calma” (PASSÔ, 2017, p.37). A esposa de Jasão é chamada de Glauce na história clássica de Eurípedes, mas Passô não a nomeia e, sim, a usa simbolicamente para tensionar a rivalidade feminina, além de pensar as relações capitalistas que existem na sociedade, que “torna” as pessoas “invisíveis”, como é o caso das empregadas domésticas, por exemplo. Além disso, esse sangue que precisa ser ensinado é o que corre em todos os nossos corpos que tentam ser ativistas ou que tentam, de alguma forma, se desconstruir.

Por mais que nós queiramos e necessitamos matar esse pai, nós, mulheres e feministas e intelectuais e etc, ainda repetimos discursos do opressor, mesmo que involuntariamente, pois demora-se um tempo para que possamos desconstruir e reconstruir estruturas de pensamento que nos foram ensinadas durante toda a nossa criação e continuamos recebendo esses estímulos enquanto vivemos, todos os dias. É necessário que ensinemos o nosso sangue, como propõe Passô, para não repetirmos alguns discursos e não aceitarmos sermos diminuídas na sociedade, pois a nossa desconstrução é processual, então, muitas vezes, por mais que sejamos feministas e antirracistas, por exemplo, pode ser que venhamos a apresentar comportamentos machistas e racistas, pois é como a sociedade exige que sejamos. Por isso, é preciso que nós nos observemos, afim de que não tenhamos essas atitudes as quais desejamos combater. Há um tempo para nos desconstruirmos e reconstruirmos, mas precisamos atentar-nos sempre aos nossos comportamentos e muda-los. Assim como propôs o espetáculo *Medeia Negra*: matar em nós o que queremos que morra no outro. Ensinar o sangue.

Qual é a força que Medeia tem para incitar em nós essa transgressão? Que potência pode haver nesse corpo marcado pelo infanticídio? Deleuze e Parnet (1998) pensam as forças como uma maneira de tornar-se algo; como arma. Por isso, a força-Medeia é uma arma, uma potência do feminino que quer existir e que quer contar a sua própria história, não quer mais ser marcada somente como a esposa de Jasão e assassina dos filhos, assim como muitas de nós que não somos alguém, somos filhas, mães, irmãs, esposas, etc de alguém, mas nunca somos um ser autônomo.

Essa força-Medeia resiste ao tempo e se reinventa. Hoje ela já consegue falar por si através do corpo de mulheres, muitas vezes negras, e tornou-se símbolo da luta contra o machismo através das eras. Ressignificando-se através dos corpos que a trouxeram para o mundo através da escrita, tornou-se força por ser uma arma estratégica para pensar questões do feminino. Por exemplo, através de Passô

(2017), Medeia nos conta sobre as mulheres exiladas, as pobres, as que abortam, as que engravidam porque é vontade do marido, as que sentem o peso da gravidez, as que são estupradas/abusadas/assediadas, as que criam seus filhos sozinhas, as que são criadas somente pela mãe, etc., experiências essas que são sentidas de uma forma singular por cada corpo de mulher que é atravessado por essas aflições, que sentem nos seus corpos, todos os dias, as dores de pertencer ao feminino.

## 2 SUBALTERNAS

Pensando na sociedade enquanto silenciadora de alguns corpos desviantes, há uma discussão sobre a autonomia desses subalternos/minorias sociais de falarem por si próprios. Spivak (2010) irá criticar Foucault e Deleuze por, segundo ela, dizerem que o proletariado (subalternos dentro da lógica de sociedade capitalista) é capaz de falar por si devido às singularidades de suas pautas, sendo que, para a autora, isso é uma omissão, pois os intelectuais se afastam para não se responsabilizarem. Ela acredita nisso porque, ao pensar que o proletariado é capaz de falar por si, eles se esquecem da lógica sistemática, capitalista e opressora em que esses corpos estão inseridos e contribuem para a consolidação da divisão internacional do trabalho. O que acontece é que Foucault e Deleuze não pensam por representação e sim por expressão/criação e Spivak (2010) os irá criticar pela abdicação desse termo. Se os corpos subalternos expressarem/criarem a si próprios, sofrerão processos de deslegitimação social que farão com que suas falas sejam silenciadas e, assim, aparecerá um intelectual legitimado pela lógica do poder para poder falar, representar esse corpo subalterno. Portanto, ela chega à conclusão de que “o subalterno não pode falar” (SPIVAK, 2010, p.126).

Lívia Natália (2018) diz que é necessário, antes de responder à pergunta feita por Spivak (Pode o subalterno falar?), compreender quem ou o que é o subalterno que se fala e nos traz como conceito: “[...] aquele que é alvo da violência epistêmica, que constitui desde o proletário ao sujeito colonial como outro que, ora está por sua própria conta, ora deve estar sob tutela [...] ou seja, [...] não é aquele que não tem voz, mas [...] que é continuamente falado pelo desejo do outro” (NÁTALIA, 2018, p.109). Pode-se entender como subalterno o corpo que está, de alguma forma, sendo lido como inferior dentro da lógica social eurocêntrica em que vivemos, sofrendo diversas formas de violência com o objetivo de silenciamento e exclusão, mesmo que isso ocorra de forma velada. Ao mesmo tempo em que pode ser o Corpo Outro que tem sua história contada a partir de um Eu produtor de discursos que são legitimados.

Natália (2018) pensa mais especificamente na condição da mulher negra e conclui que não é de representação que os corpos silenciados pelo Estado precisam, mas de expressão, como propõem a filosofia foucaultiana e deleuziana, pois a representação está subordinada a uma lógica eurocêntrica e hegemônica de mimese e a expressão fissa isso; e propõe a produção de uma Literatura Menor (DELEUZE, GUATTARI, 1975). Dentro dessa lógica, ela rebaterá Spivak dizendo que o subalterno pode falar, “no entanto, sua fala não poderá fazer coro às formas de representação do lugar hegemônico, ela se dará por outros atravessamentos” (NÁTALIA, 2018, p.112).

Nós, esses corpos lidos como subalterno, temos falado há muito tempo, só não temos sido ouvidas e ouvidos. A própria existência de *Mata teu pai* é uma fala de um corpo subalterno que se dá através de atravessamentos outros, porque Medeia é uma mulher exilada que é atravessada por uma febre, sinalizador de que algo está errado, através do aumento da temperatura do corpo, que combate esse erro, mostrando que o corpo está reagindo à, que a faz falar, pois ela precisa falar e ser escutada.

O livro começa com Medeia dizendo a frase “Preciso que me escutem” (PASSÔ, 2017, p. 23). O uso do verbo “precisar” (ter a **necessidade** de.), ao invés de, por exemplo, “querer”, mostra a urgência que esse corpo de mulher tem de falar e ser ouvido. E, ao começar o texto dessa maneira, essa força-Medeia produz uma potência em nossos corpos, que são lidos como “subalternos” e falam e precisam e querem ser escutados, apesar de, muitas vezes, não sermos; que ouvem discursos sobre nós o tempo inteiro e que querem ter o poder/autonomia de serem os contadores de nossas próprias histórias; que falam e são interrompidos com grande frequência, deslegitimando, assim, a nossa fala enquanto Sujeito (BEAUVOIR, 2016), pois não podemos nem chegar até o fim da frase, não merecemos a atenção, ou simplesmente não podemos ser legitimados a falar. “Vocês escutaram tudo que eu disse até aqui?” (PASSÔ, 2017, p.27), Medeia diz, depois de enunciar palavras em estado febril, reforçando a necessidade de que ela tem não só de falar, mas de ser ouvida, reclamando atenção, pois se colocou ali para tensionar alguns pontos que foram aceitos por nós, ao mesmo tempo em que apresenta aos leitores todas as palavras que ela guardava para si há tanto tempo.

Depois de dizer que precisa ser escutada e questionar se as pessoas continuam a ouvindo, Medeia praticamente se desculpa: “[...] não falo muito não, eu nunca falo muito, é essa febre” (PASSÔ, 2017, p.27). Nesse momento do texto, a autora remete aos nossos corpos subalternos e, principalmente, a nós, mulheres, que pedimos desculpas por falar o que sentimos/pensamos e por ser quem somos. Nós existimos sendo extremamente silenciadas e ensinadas a não incomodar e, quando falamos por não aguentar mais prender nossos sentimentos, nossa reação é pedir desculpas por falar o que pensamos, pois isso foge a um padrão de feminilidade ideal e passividade que desde criança nos é ensinado. Medeia, apesar disso, onze frases depois, reafirma: “preciso que me escutem” (PASSÔ, 2017, p.28). A febre, essa técnica do corpo para nos sinalizar que algo está errado, sentida por Medeia pode ser compreendida como uma das estratégias possíveis para ensinar o sangue, pois o patriarcado é a doença que o nosso corpo quer exterminar, o organismo invasor e indesejado que o nosso corpo precisa matar e, matando-o, conseguiremos que o nosso sangue aprenda quais são os comportamentos que não devemos ter, que se aliam com as ideologias que necessitamos exterminar, tirar de nós, inclusive como estratégia de sobrevivência.

É necessário que essa febre contagie a todos que ouvem Medeia. A febre é como um ato de resistência, uma maneira de resistir à doença que está instaurada na sociedade e se espalhou para nossos corpos; combater a doença.

Em outro momento do texto, a Medeia de Passô nos diz, ainda em estado febril, que: “Tem meu braço que EU vou levantar, a minha mira” (PASSÔ, 2017, p.42). Medeia se apresenta como esse corpo disposto a matar o patriarcado, ao dizer que irá levantar seu braço e a sua mira, dentro desse contexto, para cumprir a proposta do título do livro: Matar o pai. Medeia enfatiza, em outras palavras, que

ela irá matar o patriarcado e, portanto, esse destino que se repete nela e em suas filhas acabará. O livro é um convite a matarmos o patriarcado. Um corpo subalterno sozinho não faz nenhuma mudança significativa na sociedade, mas, com consciência e em quantidade, conseguimos realizar mudanças estruturais, basta que nos movimentemos. É difícil provocar brechas na ordem social, principalmente nesse momento de retrocessos e extremo conservadorismo em que as elites e as massas estão sendo cada vez mais manipuladas pelo neofascismo e muitos proliferam discursos que vão contra as suas próprias existências, mas nós temos criados estratégias de [re]existência para que sobrevivamos e continuemos vivos e falando cada vez e sendo mais ouvidos e legitimados.

Paralelo a isso, a literatura e as artes em geral continuam agindo como espaço de micropolítica. Apesar de pouco consumidas na sociedade, elas ainda apresentam uma força enorme na projeção de imaginários coletivos, inclusive porque, em tempos de crise, as produções artísticas são fortes aliadas das minorias sociais – e da sociedade como um todo – na busca pela manutenção dos nossos direitos.

### 3 FISSURAS/RASURAS/ABERTURAS/BRECHAS

Uma grande aliada para pensar a potência dessa força-Medeia e sua capacidade de provocar fissuras/aberturas/rasuras nos seus potenciais leitores/espectadores é bell hooks, nos convidando a ensinar a transgredir.

bell hooks (2013) nos faz pensar em como construir uma pedagogia engajada, crítica, libertadora e podemos considerar o teatro como lugar de pedagogias múltiplas, com possibilidade de aprendizados diversos. hooks nos diz que “ensinar é um ato teatral” (HOOKS, 2013, p. 21) e também podemos nós aqui concluir: um ato teatral é uma forma de ensinar, principalmente em peças como *Mata teu pai* e *Medeia Negra*, em que há uma quebra da quarta parede. É necessário que compreendamos a importância da arte como forma de ensino.

A Medeia de Passô é febril, seu corpo está combatendo/resistindo à doença, fala para si, para nós, para as mulheres do palco, para as personagens que mais são faladas por ela do que falam por si e repete frases, talvez até que entendamos e sintamos sua força, que nos contagiemos com sua febre. Podemos relacionar isso à própria voz da Grace Passô, que atravessa dramaturgia, atuação, escrita, cinema e vai se introduzindo e se envolvendo na possibilidade de produzir fissuras em todos os espaços em que seu corpo resistente pode levar a micropolítica, contagiar a todos com a sua febre, matando nela o que ela quer que morra nos outros. Passô também é um corpo subalterno, pois se encontra em encruzilhadas identitárias, por ser uma mulher negra, e utiliza das suas criações para poder falar e ser ouvida. Usa a arte como forma de resistir e seus trabalhos artísticos mobilizam outros corpos também lidos como subalternos.

Djamila Ribeiro (2018, p. 23) diz que “pessoas que lutam contra as desigualdades não se fazem de vítimas, são vítimas de um sistema perverso e, ao mesmo tempo, sujeitos de ação, porque o denunciam e lutam para mudá-lo”. Essa fala de Ribeiro nos remete às pessoas subalternas que, mesmo não lutando contra as desigualdades, também são vítimas dessa lógica de subalternização de corpos.

Essa ideia de sujeitos de ação é muito potente, por pensar esses corpos lidos como inferiores que iniciam esses movimentos verticais (de baixo para cima) na tentativa de realizar mudanças estruturais da sociedade. Grace Passô é vítima do sistema, mas também é um sujeito de ação. Seu corpo incita movimentos de mudanças estruturais, sua arte é transgressora, sua Medeia nos convida a matar o pai.

Antes de Passô, várias outras mulheres negras e outras pessoas lidas como subalternas já falavam e criavam e produziam e etc. e eram sujeitos de ação: os subalternos sempre falaram e falam e falarão, mas não são ouvidos. Portanto, o subalterno pode falar, o que acontece é que sempre vão tentar calar nossa voz política e deslegitimar nossa fala e não querer nos ouvir.

Marcando a atemporalidade do texto *Ensinando a transgredir*, hooks (2013, p.23) nos apresenta uma crítica a um cenário político “não poderemos enfrentar a crise se os pensadores críticos e os críticos sociais e progressistas agirem como se o ensino não fosse um objeto digno da sua consideração”. Para que possamos enfrentar essa onda de conservadorismo que tem se instaurado, é necessário que se considere o ensino em suas múltiplas facetas, que compreendamos a importância da sala de aula (considerando todas as possibilidades de.) e que se faça do lugar de ensino espaço de movimento, principalmente dos nossos corpos subalternos, daqueles que o ensino é negligenciado e, tantas vezes, acabam repetindo os discursos do opressor sem se reconhecer enquanto vítima do sistema.

[...] abram a cabeça e o coração para conhecer o que está além da fronteira do aceitável, para pensar e repensar, para criar novas visões, celebro um ensino que permita as transgressões – um movimento contra as fronteiras e para além delas” (HOOKS, 2013, p.24). A escritora nos convida a novas possibilidades de, assim como Medeia, ao tentar nos fazer conscientes da sociedade em que estamos inseridas: “Olha pra mim! Muda essa história! Para de achar que a gente é um destino, muda essa história” (PASSÔ, 2017, p. 39). Ambos os textos convocam a quem está lendo para se movimentar, ir além, não se conformar com o que os outros querem que nos conformemos. Provoca-nos a rasgar as fronteiras, os nossos destinos, ir. É muito potente o gesto de transgressão, de sair de uma lógica em que nossas estruturas de pensamento foram criadas e passar a um comportamento mais crítico referente a tudo que nos é passado e tudo que, involuntariamente ou voluntariamente, consumimos como Verdade.

“Se vocês carregassem a justiça no peito o matariam, sim, vocês o matariam, por que vocês não matam? Por quê? Por quê? Por quê?” (PASSÔ, 2017, p. 36). Medeia não compreende como nós ainda aceitamos viver dentro dessa lógica cisheteropatriarcal que nos mata e nos cala e nos subalterniza, e o começo do trecho é justamente para nos incitar a querer justiça, mostrar que estamos sendo injustiçadas esse tempo todo e não encerramos esse ciclo de sofrimento. Ela não compreende porque ainda não matamos esse pai. “Tá fazendo o que aqui, uma hora dessas, não sabe que aqui é perigoso? Fique na tua casa. A noite é perigosa para as mulheres. Você não vai ter filhos?” (PASSÔ, 2017, p.44). Nessa sequência de frases, Medeia parafraseia o quanto nossas existências são limitadas pelo patriarcado, nossa liberdade é limitada. Não podemos ter o direito de escolha, temos que seguir o padrão que já nos é pré-estabelecido antes de nascermos.

“E de novo nos sacrificamos. E de novo nós damos e tiramos a luz, e de novo o trabalho é nosso” (PASSÔ, 2017, p.44). Medeia já nos convocou a mudar o

destino, nos mostrou que temos que querer justiça por tudo que sofremos e agora nos mostra que o “peso” do mundo é todo nosso. Nós que, ao decorrer da história, nos sacrificamos e nos entregamos e cedemos. “É sempre de nós que o mundo espera, presta atenção. De nós esperam os filhos, de nós esperam amor e amor e amor, de nós esperam a força descomunal, o trabalho, dentro e fora de casa, de nós esperam o gozo, a beleza e até o mistério. E nós acreditamos nisso. É ridículo” (PASSÔ, 2017, p. 40). Antes de nascermos, já esperam que sejamos amorosas, fortes, tenhamos jornadas duplas, sejamos belas, misteriosas e nós acreditamos nisso, às vezes até competimos entre nós para tentar ser melhor, mais bela, mais trabalhadora, mais “guerreira” e adoecemos por não termos um corpo para suportar ser tudo ao mesmo tempo – exceto o que queremos ser. É preciso matar.

“[...] adoecemos de amor por pessoas que nem amamos” (PASSÔ, 2017, p.40). Pois de nós, esperam o amor, de nós, esperam que fiquemos aguardando a chegada do nosso príncipe encantado, que foi idealizado por nós a vida inteira, sendo que às vezes nem somos heterossexuais, mas morremos de amores por homens que não amamos. Para agir conforme o que esperam que nós sejamos, mesmo que inconscientemente. Precisamos ter a febre, resistir a isso, fugir dessa lógica que só adocece e anula nossos corpos, ensinar ao nosso sangue que não somos um destino.

Para Simone de Beauvoir (2016), a sociedade não considera a mulher como um ser autônomo, somente um ser relativo ao homem. A nossa existência, sob a perspectiva do machismo, é definida por aquele que é legitimado socialmente, enquanto nós temos que cumprir o que nos é reservado pelo outro. Medeia reclama por não termos a justiça em nossos corpos para matar essa lógica perversa que nos silencia e nos mata e nos coloca em um destino, que, tantas vezes, aceitamos sem questionar. E não quebramos esse ciclo que nos coloca em posição de subalternidade. Beauvoir (2016) também nos traz que alguns pesquisadores febris (por exemplo, Diderot), vai se esforçar por mostrar que a mulher é, como o homem, um ser humano. Causa um estranhamento pensar que um pesquisador teve que dizer que nós, mulheres, somos seres humanos. Adichie (2014) já nos disse que temos que ser todos feministas, e, portanto, a pesquisa de Diderot deve ser legitimada, pois contribuiu para que fossemos reconhecidas como seres humanos (apesar de isso não acontecer no mundo todo, ainda), mas não podemos nos esquecer das vozes anônimas e femininas e subalternas que, antes dele, já diziam e tinham consciência de serem seres humanos.

Medeia nos convida a transgredir a história, mudar o que querem que acreditemos que é nosso destino: que não podemos sair na rua sem sermos assediadas, que todas as mulheres serão violentadas em algum momento da vida, que algum dos nossos relacionamentos (com homens ou com outras mulheres) será abusivo. A força-Medeia nos incita a mudar esse nosso destino trágico: ou que achamos e que naturalizamos como regra.

bell hooks (2013, p.31) colabora nessa discussão proposta por Medeia, de não continuar a naturalizar os sistemas de dominação, ao concluir que “[...] é possível dar aula sem reforçar os sistemas de dominação existentes”. *Mata teu pai* é um espaço de aprendizagem que comprova que é possível ensinar sem cair numa lógica cisheteropatriarcal e machista e racista, porque Medeia tensiona as lógicas de poder em que estamos todas inseridas e termina o livro com tiros de metralhadora, mas, antes nos diz “este é o ato mais maternal que posso dar a este

mundo lamacento, vendido, injusto, capitalista, militar, patriarcal. Este é o ato mais maternal que posso dar a este mundo, minhas filhas, ser. Uma. Indomável. Mulher” (PASSÔ, 2017, p. 45). Além de ser possível dar aula sem reforçar os sistemas de dominação que já existem, é possível lecionar transgredindo-os, abrindo brechas, rasuras, fissuras para que as/os estudantes/leitoras/leitores possam perceber a lógica sistemática da sociedade em que estão inseridos e possam criar, à sua maneira, formas de resistência.

Metralhar é um gesto potente dessa força-Medeia. Para sermos mulheres indomáveis, é imprescindível que saíamos do que esperam que seja nosso destino, ou o nosso dever enquanto mulher, e matemos. Todas nós, todos nós. Precisamos matar Jasão, o símbolo do patriarcado, da nossa submissão, aquele que nos faz morrer de amores sem amar, que traça uma vida para nós que seguimos sem nem querer aquilo. Ao mesmo tempo em que essa citação no faz pensar e refletir sobre como, muitas vezes, os espaços destinados para que tenhamos consciência da nossas existências enquanto seres humanos integrais (HOOKS, 2013) acabam se tornando os principais silenciadores de nossas vozes políticas, mera mimeses dos sistemas repressivos estruturais que vivemos fora dos ambientes destinados para as múltiplas formas de aprendizado.

Hooks (2013,p.32) nos traz que “a voz engajada não pode ser fixa e absoluta”. Não precisamos ser representadas. Nós, subalternas, queremos espaço para ouvir todas as vozes silenciadas e trocar, criar estratégias de resistência, juntar forças, aliar-nos. Sempre tem um homem branco heterossexual que fala por nós, que nos pesquisa. É positivo que ele se alie, que crie teorias para colaborar com o nosso reconhecimento, mas existem milhares de mulheres que podem falar por si e nós sempre as colocamos em espaços menores, devemos ser justos e trazê-las e ouvi-las e legitimá-las. Matar o silenciamento que eu causei ao meu igual; matar em mim o que quero que morra no outro.

Nesse processo de educação como prática libertadora, hooks (2013) nos traz a filosofia de Thich Nhat Hanh e a compara como semelhante com a de Freire: “agir e refletir sobre o mundo a fim de modificá-lo” (HOOKS, 2013, p.26). O texto de Passô levanta e tensiona a nós, enquanto leitores, diversas ações que são extremamente naturalizadas no mundo e não agimos sobre isso, nem ao menos refletimos: a xenofobia, o machismo, os processos de imigração forçada, as hidrelétricas que destroem cidades, etc.. *Mata teu pai* é um convite a refletir sobre o mundo, matar o pai é agir sobre o mundo: para que possamos modificá-lo, mesmo que aos poucos, lentamente. Ensinar o sangue.

“Eu desfaço esse nó. Eu” (PASSÔ, 2017, p.43). A força-Medeia age sobre nós, para que nós reflitamos e ajamos sobre o mundo. Ela simboliza o feminino e vai desfazer o nó, romper o ciclo em que estamos presas. Ser a potencia que precisamos para mudar a nossa história, quebrar o que querem que seja o nosso destino. Não permitirá mais que suas filhas, nós, tenham que se silenciar; que pertencer a uma lógica que discordamos; que aceitar um destino que não queremos que seja nosso. Medeia resistiu e continua resistindo à sociedade e é símbolo dos subalternos que falam e querem ser ouvidos.

“[...] é adequado terem a esperança de que o conhecimento recebido nesse contexto os enriqueça e os torne melhores” (HOOKS, 2013, p.32). É o que esperamos quando assistimos uma aula e lemos um livro e vemos uma peça: queremos enriquecer e sermos melhores, intelectualmente falando. *Mata teu pai*

tensiona toda a sociedade e nos ensina muito enquanto corpos integrantes dela. Mobiliza uma personagem que resiste ao tempo, às eras, às sociedades. Didi-Huberman (2012, p. 210) nos traz que “[...] talvez devêssemos nos reservar uns minutos para pensar nas condições que tenham tornado possível o simples milagre de que esse texto esteja aqui, diante de nós, que tenha chegado até nós. Há tantos obstáculos. Queimaram-se tantos livros e tantas bibliotecas”. É necessário reconhecermos quantas vezes queimaram livros e peças e destruíram bibliotecas porque os corpos que estão no poder precisam continuar contando as histórias do mundo a partir de seus olhares hegemônicos, sem permitir que outros também falem por si e apresentem seus pontos de vista. Medeia resiste a essas tentativas de apagamento, não só de uma forma política, mas de uma forma literal. Quanto mitos se perderam na história? Quantos símbolos que poderiam ter sido e não foram? Nunca poderemos saber.

Como Didi-Huberman (2012, p.211) também convoca: “é ao descobrir a memória do fogo em cada folha que não ardeu, onde temos a experiência [...] de uma barbárie documentada em cada documento da cultura”. Quem resiste, é que terá o poder de contar a história do que foi e do que os outros poderiam ter sido. Medeia atravessou tantos escritores, tantas poéticas que sua existência é uma documentação de todos os livros que foram destruídos e nunca teremos mais acesso, tantas histórias que foram perdidas. A [re]existência de Medeia é um ato político.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

*Mata teu pai* é um grito que já foi contido do corpo subalterno de Grace Passô (mulher e negra e periférica) que quer ser escutada, lida, assistida e produz da maneira que acha que a arte deve ser feita, invadindo todos os campos que quer, atravessando literatura e teatro e cinema, fissurando os espaços que a sociedade quer que sejam inalcançáveis para nós, corpos dissidentes, que não correspondemos ao padrão legitimado (homem e branco e cisgênero e heterossexual).

A força-Medeia, em estado febril, usando a febre como estratégia para ensinar o sangue, continua resistindo e tentando atravessar/provocar fissuras em potenciais leitoras e leitores e dizendo o que precisa que escutemos e que está preso em si há muito tempo e ela cansou de calar, assim como nós temos que resistir e não devemos aceitar sermos silenciadas: temos que falar e nos fazer ouvidas. Ela é uma potência do feminino que vai trazer nossas questões como mulheres sobreviventes de um sistema patriarcal que foi feito para nos matar e que coloca nossas demandas como menores, nos apagando para que sejamos conforme o que esperam desde que nascemos.

Ao trazer o teatro como espaço de aprendizado, tornamos relevantes outras formas possíveis de aprendizagem, tirando a exclusividade da sala de aula e aceitando que o conhecimento não está somente nos livros didáticos. A literatura, o teatro, a arte em geral são espaços que tendem a nos provocar a sermos melhores, a nos fazer pensar e compreender melhor a realidade em que estamos inseridos e como ela nos afeta: algo que Medeia cumpre muito bem a provocar rasuras em

quem a lê/assiste, fazendo se deparar com questões cotidianas, que, infelizmente, naturalizamos.

É importantíssimo pensar a resistência de Medeia enquanto potência do feminino, pois muitas histórias foram destruídas ao decorrer da história, a fim de silenciar alguns assuntos ou destruir prováveis segundas versões de outros. A força-Medeia atrapalha a manutenção dos discursos machistas que colocam a nós, mulheres, como coisa e objeto sexual e ser passivo: ela nos incita, nos provoca, nos tensiona.

O mito em estado de febre nos pede uma revolução e nos ensina, através da literatura/teatro a não aceitarmos o que querem que enxerguemos como nosso destino, pois cabe a nós montá-lo.

O convite a matar o patriarcado foi feito.

---

## Referências

---

ADICHIE, Chimamanda Ngozi. *Sejamos Todos Feministas*. Tradução de Cristina Baum. São Paulo: Companhia das Letras, 2015.

AKOTIRENE, Carla. *O que é interseccionalidade?* Belo Horizonte: Letramento: Justificando, 2018.

BEAUVOIR, Simone de. *O segundo sexo: fatos e mitos*. Tradução de Sérgio Milliet. 3.ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2016.

DELEUZE, Gilles e PARNET, Claire. *Diálogos*. São Paulo: Escuta, 1998.

DIDI-HUBERMAN, Georges. Quando as imagens tocam o real. *PÓS*, Belo Horizonte, v.2, 232, 2012. Disponível em: <<https://www.eba.ufmg.br/revistapos/index.php/pos/article/view/60> > Acesso em: 02.maio.2019.

HOOKS, Bell. *Ensinando a transgredir: a educação como prática de liberdade*. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2017.

NATÁLIA, Livia. *Escrivência como potência dos discursos menores*. In: SOBRINHO, Antonio Carlos e APARECIDA, Luciany (Org.). *Cadernos Araxá*. Salvador, PANTIM, 2018. 107-126.

PASSÔ, GRACE. *Mata teu pai*. Rio de Janeiro: Cobogó, 2017.

RIBEIRO, Djamilá. *Quem tem medo do feminismo negro?* São Paulo: Companhia das Letras, 2018.

---

## Para citar este artigo

---

LÔBO, Morganna; SOBRINHO, Antonio Carlos. Mata teu pai: a força-Medeia enquanto provocadora de fissuras em corpos dissidentes. *Miguilim – Revista Eletrônica do Netlli*, Crato, v. 8, n. 2, p. 188-201, maio-ago. 2019.

**Morganna Lôbo** é graduanda em Letras Português - Literatura pelo Centro Universitário Jorge Amado. Área: Literatura brasileira.

**Antonio Carlos Sobrinho** é doutor em Literatura e Cultura pelo Programa de Pós-Graduação em Literatura e Cultura (PPGLitCult) da Universidade Federal da Bahia, no âmbito da linha Documentos da Memória Cultural. Mestre em Estudo de Linguagens com ênfase em Leitura, Literatura e Identidade pelo Programa de Pós-Graduação em Estudo de Linguagens (PPGEL) da Universidade do Estado da Bahia, Campus I. Possui graduação em Letras Vernáculas com Inglês pela Universidade do Estado da Bahia (2008).